





Tempo e Comunidade: O nexo perdido

Helder Pacheco*

Para quem, há anos (pela década de quarenta ainda era assim), viesse do Ouro, da Manutenção e dos estaleiros, naquilo a que chamavam Pasteleira havia, não mais que isso, pinhal. Pinhal densíssimo, extenso e sussurante nas tardes ventosas. A fronteira nascente de tal éden era a ribeira da Granja, que corria a céu aberto, levava água límpida, fazia mover — que me lembre — a azenha da fábrica do sabão e o moinho junto da ponte de pedra da Rua de Grijó. Para poente, o éden quedava-se nas primeiras casas da Rua da Quinta, e, para norte, atingia os agros de Serralves e o alto camiliano do Pasteleiro. Tirando a Flecha dos Mortos, a meio caminho entre Lordelo e a Foz, o farol das 3 orelhas e a casa de lavrador, com capela, tão falada pelo mestre-escritor, tudo era pinheiral entrecortado, aqui e ali, por veredas e caminhos onde fozeiros e raros portuenses da Baixa se cruzavam, em passeios e piqueniques na floresta. E, no alto da Calçada que principiava na esquina da casa dos Cálens, estava a capelinha, solitária e ajeitada, da Senhora da Ajuda. Fora de Lordelo, pouca gente a conhecia. A não ser os que se aventuravam ao descobrimento da encosta verdejante que, há séculos, fronteirava os territórios de Lordelo e do Couto da Foz, ninguém lá passava, de tão à desamão.

Aquele quase esquecimento da capela era, no entanto, recente. Coisa do primeiro quartel do século XX, quando as romarias portuenses começaram a sofrer do mal do cosmopolitismo que as considerava degenerescências provincianas, e a cidade hiper-valorizou a festividade são joaneira. Em 1758, as Memórias Paroquiais de Lordelo do Ouro referiam a "Capela do Senhor e Senhora da Ajuda (...); a ela acode bastante povo nos dias da Ascensão do Senhor, em que se celebra a Festa dele, e no da Natividade da Senhora, em que da mesma Senhora da Ajuda se celebra a Festa (...)". A devoção e romaria aos Senhores da Ajuda manteve-se ao longo do século XIX, encontrando-se na imprensa diária referências abundantes à afluência de devotos à festa, vindos do Ouro e de outras zonas da cidade. E, com a expansão dos transportes colectivos - designadamente o carro americano e o eléctrico - a capela da Ajuda afirmou-se dos maiores lugares de peregrinação festiva da área urbana. A título de exemplo, aponto a notícia de "O Comércio do Porto", de 31.5.1870: "No Ouro, onde, como dissemos, se festejava o Senhor da Ajuda, houve arraial que também esteve muito concorrido. Na véspera, à noite, tinha havido iluminação, música e fogo de artifício, tendo esta diversão atraído ali bastante gente".

Não cheguei a conhecer tal manifestação. Nem meus pais — tripeiros informadíssimos — me falaram dela. Sinal inequívoco de que o fervor da tradição se esbateu, sem deixar memória perdurável. Depois, no virar dos meados de século XX, a mata

fascinante acidou-se e foi dando lugar a vias de circulação e urbanização que, impetuosamente, transformariam Lordelo em dormitório periférico, com mais ou menos especulação, mais ou menos habitação dita social, mais ou menos qualidade. Entretanto, a casa Calém foi demolida e permaneceu ruína e lixeira durante decênios (agora transformada em buracão), a ribeira da Granja foi tapada e convertida em cloaca, e os pinheiros, um a um, sumiram, substituídos pelo cimento e, o que é pior, pelas casas de lata. Assim cresceu uma cidade satélite do burgo, ocupando os terrenos do Pasteleiro de Camilo, rebaptizado no feminino e, depois, em Norte e Sul. E, consoante a geografia, próxima ou afastado do rio, a expansão urbana foi desenvolvimento dois, três, quatro bairros. Duas, três, quatro aglomerações, blocos, zoneamentos ou o que quiserem chamar-lhe. Porque, no final de contas, a amontoados de edifícios — ainda que juntos — não pode chamar-se cidade (no sentido profundo de território de cidadãos unidos por laços de solidariedade, convivência, entre-ajuda e proximidade. Unidos, na expressão antiga e bela, **sub sino**. Paroquialmente).

É isso. Trinta anos volvidos, continuo a não encontrar na Pasteleira o significado retido da minha infância na Vitória, de pertencer a um **universo habitado**, de integrar **uma comunidade**. As duas, três ou quatro Pasteleiras, separadas pelo mortífero muro de Berlim que é a Rua de Diogo Botelho, considerada pelos psicopatas motorizados (com a ajuda dos urbanistas) via rápida, e divididas pelas vias ocultas da incomunicação, da solidão e da ausência do mais elementar nexo comunitário, as várias Pasteleiras, dizias, são exemplos de que não chega construir prédios para desenvolver a **cidade**. Quero dizer a cidade **da gente**, humana e convival.

Pensando bem, a esta cidade falta-lhe o sentimento fraterno da alegria, do diálogo e da retemperança que levava milhares de pessoas à festa da Senhora da Ajuda, no usufruto de um território (social e espiritual) com que todos se identificavam. No **usufruto de uma comunidade**. Mas como isto de romarias, festas populares e actos que desenvolvam as relações de vizinhança são coisas agora consideradas bárbaras e piosas tanto pelos integralistas da fé, como pelos modernos bem-pensantes, o melhor é estar calado, comprar portas blindadas, reforçar fechaduras e consumir solitariamente as dezenas de telenovelas que, em nome do progresso do mundo, as quatro televisões bondosamente nos oferecem para tornar o neo-urbanismo electronicamente habitável.

* Helder Pacheco, natural da freguesia portuense da Vitória, é um conhecido investigador de assuntos ligados às culturas e ao património locais.







